

Palavra de vida, palavra de morte:
A dinâmica da escrita em *Malina* de Ingeborg Bachmann

Patricia Marie Jasiocha¹

Resumo: Este artigo investiga a relação entre linguagem e pulsão na obra *Malina*, de Ingeborg Bachmann, articulando a teoria das pulsões de Sigmund Freud à filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein com mediação teórica da leitura pragmática da psicanálise proposta pelo psicanalista contemporâneo Jurandir Freire Costa. Parte-se da hipótese de que a escrita fragmentária de *Malina* não apenas representa o conflito pulsional, mas o formaliza em sua própria estrutura discursiva. Nesse contexto, a linguagem é compreendida simultaneamente como meio de ligação simbólica associada à pulsão de vida e como espaço de falha, repetição e desligamento, aproximado à pulsão de morte. A partir da concepção wittgensteiniana de linguagem como prática, argumenta-se que os colapsos discursivos presentes em *Malina* não remetem a um indizível metafísico, mas a rupturas internas dos jogos de linguagem. Em diálogo com a psicanálise, tais falhas são interpretadas como crises das formas de redescritção disponíveis ao sujeito. A análise de uma cena no final do primeiro capítulo do romance evidencia que, em *Malina*, a destruição do vínculo ocorre através da própria linguagem. Conclui-se que a literatura, diferentemente da clínica psicanalítica, não busca elaborar ou resolver a falha do dizer, mas convertê-la em forma estética, fazendo da linguagem o lugar em que se encena o limite da simbolização.

Palavras-chave: Ludwig Wittgenstein; Sigmund Freud; jogos de linguagem; teoria das pulsões; literatura e psicanálise.

Zusammenfassung: Dieser Artikel untersucht die Beziehung zwischen Sprache und Trieb in Ingeborg Bachmanns Werk *Malina*, wobei die Triebtheorie von Sigmund Freud mit der Sprachphilosophie von Ludwig Wittgenstein verknüpft wird, unter theoretischer Vermittlung der pragmatischen Lesart der Psychoanalyse, wie sie der zeitgenössische Psychoanalytiker Jurandir Freire Costa vorschlägt. Ausgangspunkt ist die Hypothese, dass die fragmentarische Schrift von *Malina* den Triebkonflikt nicht nur darstellt, sondern ihn in ihrer eigenen diskursiven Struktur formalisiert. In diesem Zusammenhang wird Sprache gleichzeitig als Mittel symbolischer Verbindung im Zusammenhang mit dem Lebenstrieb und als Raum des Scheiterns, der Wiederholung und der Entkopplung verstanden, der dem Todestrieb nahekommmt. Ausgehend von Wittgensteins Auffassung von Sprache als Praxis wird argumentiert, dass die in *Malina* vorhandenen diskursiven Zusammenbrüche nicht auf ein metaphysisches Unaussprechliches verweisen, sondern auf interne Brüche innerhalb der Sprachspiele. Im Dialog mit der Psychoanalyse werden solche Fehler als Krisen der dem Subjekt zur Verfügung stehenden Formen der Neubeschreibung interpretiert. Die Analyse einer Szene am Ende des ersten Kapitels des Romans zeigt, dass in *Malina* die Zerstörung der Bindung durch die Sprache selbst erfolgt. Es wird der Schluss gezogen, dass die Literatur, anders als die psychoanalytische Klinik, nicht

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Psicologia na UFRJ. Psicóloga clínica e Psicanalista com formação em escolas de psicanálise em Curitiba, Rio de Janeiro e Viena. E-mail: pjasiocha@yahoo.com.br. ORCID iD: 0009-0007-3298-1287.

danach strebt, den Fehler des Sprechens zu erarbeiten oder zu lösen, sondern ihn in eine ästhetische Form umzuwandeln, wodurch die Sprache zum Ort wird, an dem die Grenze der Symbolisierung inszeniert wird.

Schlüsselwörter: Ludwig Wittgenstein; Sigmund Freud; Sprachspiele; Trieblehre; Literatur und Psychoanalyse.

Introdução

Este artigo procura examinar como a linguagem fragmentada da narradora no romance *Malina* (1971) de Ingeborg Bachmann se articula com a dinâmica pulsional da teoria freudiana e com os limites do dizer na filosofia tardia de Ludwig Wittgenstein. A pergunta que organiza nossa investigação é se a linguagem fragmentada em *Malina* pode ser compreendida como uma forma estética que encena conflitos entre forças opostas e os limites do dizer no romance.

A linguagem e os seus limites são pontos centrais tanto na psicanálise quanto na filosofia da linguagem do século XX. Numa fase mais avançada da construção da teoria psicanalítica, em *Além do Princípio do Prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*, 1920), Sigmund Freud introduz uma concepção do psiquismo marcada pela coexistência conflitiva entre forças de ligação e forças de desligamento, nomeadas de pulsão de vida e pulsão de morte, respectivamente. No campo da filosofia da linguagem, Wittgenstein, em *Investigações Filosóficas* (*Philosophische Untersuchungen*, 1953), desloca o problema do sentido para o campo do uso. O filósofo compreende a linguagem como uma prática, atentando para os limites do dizível que emergem do uso, regras e formas de vida. Embora provenientes de terrenos distintos, ambas as perspectivas convergem na recusa de uma transparência entre experiência e linguagem, permitindo a partir disso, um olhar pela psicanálise não como uma teoria de conteúdos ocultos, mas como uma prática que rodeia e se ocupa com o dizível e o indizível.

Nesse horizonte a contribuição do psicanalista contemporâneo Jurandir Freire Costa, em *Redescrições da psicanálise pragmática* (1998), é importante para a articulação aqui proposta. Ao redescrever a psicanálise como uma prática linguística e culturalmente situada, Costa desloca o eixo de compreensão do sofrimento psíquico de uma interioridade substancial para o plano das formas de descrição disponíveis ao sujeito. Nesse sentido, o autor afirma que “os impasses do sofrimento psíquico podem ser entendidos como dificuldades de redescrição da experiência em vocabulários que permitam sua elaboração” (Costa, 1994) e indica que o problema não reside apenas no conteúdo vivido, mas na insuficiência ou falha dos recursos linguísticos que o tornam comunicável. Tal perspectiva aproxima-se, sem se misturar, da concepção

wittgensteiniana segundo a qual o sentido emerge do uso, permitindo pensar o limite não como exterior à linguagem, mas como crise interna de seus modos de funcionamento.

A prosa de Bachmann em *Malina* se apresenta como um espaço que favorece a investigação dessas tensões entre forças opostas. Longe de oferecer uma narrativa linear e estabilizada, o romance constrói uma escrita fragmentária. Marcada por repetições e interrupções, a linguagem parece operar tanto como instrumento de ligação ao endereçar, narrar e simbolizar quanto como campo de falência ao desorganizar e suprimir. Diversos diálogos encenam limites do dizer e ilustram como a linguagem deixa de sustentar a continuidade do sujeito.

O problema que orienta este artigo consiste em averiguar em que medida a forma de escrita em *Malina* pode ser compreendida como uma encenação estética da tensão entre o representável e o irrepresentável, articulando a dinâmica freudiana entre pulsão de vida e pulsão de morte e a concepção wittgensteiniana dos limites do dizer, mediadas pela noção de redescrição proposta por Costa. Como hipótese central se sustenta que a escrita do romance configura uma poética da falha da simbolização, tendo a linguagem dupla função: como instrumento de ligação, alinhada à pulsão de vida, e como campo de ruptura, no qual se manifesta um movimento de desligamento que pode ser aproximado, sem redução conceitual em ambos os casos, à pulsão de morte. Nesse sentido, a fragmentação discursiva não constituiria mero recurso estilístico, mas o próprio lugar em que o conflito pulsional se formaliza.

Por se tratar de uma investigação multidisciplinar, é relevante e necessário explicitar a diferença de registros entre os dois campos mobilizados: enquanto a psicanálise clínica visa à transformação do sujeito por meio da elaboração simbólica através da fala, a literatura não busca resolver o conflito que encena, mas o intensifica e o torna sensível em sua forma. Assim, o romance *Malina* não será tomado como ilustração de conceitos psicanalíticos, tampouco supostas manifestações do inconsciente da narradora serão interpretadas. Este artigo propõe uma chave de leitura, jamais uma fusão de teorias. Mira na linguagem levada ao seu limite procurando tornar visível – ainda que parcialmente – a tensão entre dizer e não dizer, entre ligação e rompimento, entre palavra de vida e palavra de morte.

A linguagem na teoria freudiana das pulsões

A teoria das pulsões, tal como formulada por Freud, não se apresenta como uma filosofia da linguagem em sentido estrito embora implique uma concepção acerca do lugar da linguagem no funcionamento psíquico. Freud não teoriza sobre a linguagem, ela aparece como recurso de representação, como a via por meio da qual as excitações

pulsionais podem ser ligadas, representadas e, em certa medida, elaboradas. Contudo, essa função não é ilimitada. A teoria freudiana mesma conduz ao reconhecimento de que nem tudo é passível de representação, introduzindo um limite interno ao campo da linguagem (Freud, [1915] 1996).

No texto *O inconsciente* (1915), Freud afirma que a pulsão jamais pode tornar-se objeto da consciência, somente a ideia que a representa é que pode tornar-se consciente (Freud, [1915] 1996). Essa formulação implica que o acesso ao pulsional se dá sempre por meio de representações, isto é, por formas simbólicas que tornam possível sua inscrição no aparelho psíquico.

No contexto da primeira teoria pulsional, a linguagem pode ser compreendida – a partir das teorizações que Freud faz sobre o inconsciente e as pulsões – como o campo no qual tais representações se organizam e se tornam comunicáveis. A distinção entre representações da coisa (*Sachvorstellungen*) e representações da palavra (*Wortvorstellungen*) indica que a passagem ao consciente exige uma articulação com o sistema verbal, o que confere à linguagem um papel estruturante no processo de elaboração psíquica (Freud, [1915] 1996, p. 206).

Em 1920, Freud reformula a teoria pulsional em *Além do Princípio do Prazer* e altera a sua forma anterior de compreensão. A partir da observação clínica da compulsão à repetição, Freud propõe a existência de uma tendência mais primária, orientada para a redução absoluta da tensão e para o retorno a um estado anterior, inorgânico. Essa hipótese inaugura a noção de pulsão de morte como força que opera para além do princípio do prazer. O conflito psíquico é concebido, portanto, em termos econômicos: forças pulsionais que buscam descarga e regulação de tensão. Como pensar, então, a linguagem enquanto recurso para elaboração das experiências e dos conflitos psíquicos?

Nesse ponto, surge a hipótese de um resto irrepresentável, que não se deixa traduzir em palavras e que se manifesta por meio da repetição. Se, por um lado, a palavra permanece como instrumento de ligação, por outro, ela revela-se incapaz de dar conta plenamente do funcionamento pulsional. É o psicanalista francês Jacques Lacan quem vai articular a repetição, como postulada por Freud, ao retorno insistente de um ponto traumático não simbolizado. Lacan retoma a concepção freudiana de compulsão à repetição e a inscreve na lógica do significante: o conflito deixa de ser entre forças e passa a ser entre o que pode ser simbolizado e o que insiste fora da simbolização. Assim, a compulsão à repetição, que em Freud aponta para a ação da pulsão de morte, é articulada por Lacan ao encontro com o real, aquilo que, por definição, é impossível de simbolizar (Lacan, [1964] 1988, livro 11). Desse modo, a

repetição pode ser compreendida como insistência do não simbolizado no interior da linguagem.²

A limitação do dizer pela via da palavra não é entendida aqui como uma falha externa à linguagem ou incapacidade cognitiva, mas como um limite da razão. Já em 1917, em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (*Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse*), Freud formula a ideia de que a mente tem diferentes instâncias e uma multiplicidade de impulsos antagônicos e incompatíveis que podem mobilizar o ego para um combate que é impossível de ganhar, pois “uma parte da atividade da própria mente foi tirada do controle da sua vontade”, afirmando assim, que “o ego não é senhor em sua própria casa” (Freud, [1917] 1996, p. 151-153). Tal princípio implica reconhecer que a consciência e, na sua extensão, a linguagem, não tem acesso pleno às forças que a atravessam. Daí o rompimento com a crença sobre a prevalência da razão sobre o irracional, portanto, a quebra de convicções sobre uma transparência linguística.

Dessa forma, a teoria das pulsões conduz a uma concepção na qual a linguagem é tanto necessária quanto insuficiente. Necessária, enquanto meio de simbolização e elaboração, insuficiente, porque é incapaz de abarcar integralmente o campo pulsional. É precisamente esse limite interno da simbolização que permitirá, no próximo momento, uma aproximação com a filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, na qual o problema do limite se desloca do plano da representação para o plano do uso, isto é, para as condições práticas de funcionamento dos jogos de linguagem.

Wittgenstein e os limites do dizer

A filosofia de Ludwig Wittgenstein é marcada pela mudança na forma de compreensão da linguagem quando o filósofo abandona a concepção que a vinculava a uma correspondência entre palavras e estados de coisas. Em seu lugar, ele propõe uma abordagem pragmática, na qual o significado não é concebido como algo fixo ou intrínseco aos termos, mas como efeito do uso em práticas concretas. Em *Investigações Filosóficas* (1953), Wittgenstein desenvolve um dos conceitos-chaves da sua filosofia tardia — o de jogos de linguagem. O “jogo de linguagem” (*Sprachspiel*) na sua concepção, é todo processo de uso de palavras juntamente com as atividades com as quais ela vem intrincada (Wittgenstein, 1994, §7). A linguagem funciona, assim, como um jogo no qual as regras e o significado variam conforme as situações e intenções do

² A articulação entre Freud e Lacan permite entrever uma questão que não pode ser desenvolvida nos limites deste artigo, mas permanece para desdobramentos posteriores: de que maneira o traumático como ruptura da capacidade de ligação permite compreender a escrita de Malina como forma em que a descontinuidade textual deixa de ser mero recurso estético e passa a figurar o colapso das possibilidades de simbolização e continuidade do dizer?

falante, “o significado de uma palavra é seu uso (*Gebrauch*) na linguagem” (Wittgenstein, 1994, §43).

A partir dessa perspectiva, o problema dos limites da linguagem também é reformulado. Em oposição à ideia de uma essência única do significado que norteou seu pensamento no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), Wittgenstein (1994, §49) passa a afirmar que para compreender não basta nomear os elementos é preciso descrever e saber como empregá-los adequadamente em um determinado contexto.

Os jogos de linguagem são inseparáveis das chamadas formas de vida (*Lebensformen*), ou seja, dos contextos culturais e práticos nos quais a linguagem se insere (Wittgenstein, 1994). Nesse sentido, falar uma língua não é apenas dominar um sistema de signos, mas participar de um conjunto de práticas reguladas por regras, que até podem estar implícitas, mas, orientam o que é reconhecido como uso correto. Assim, o sentido não é garantido por uma estrutura interna da linguagem, mas pela estabilidade relativa dessas práticas compartilhadas.

Assim, o problema do limite da linguagem, a partir dessa nova concepção, se altera em relação à fase inicial do pensamento wittgensteiniano apresentado no *Tractatus*. Em *Investigações Filosóficas*, esse limite passa a ser pensado como fenômeno interno ao uso da linguagem, que é estudada a partir da perspectiva de que um modo de viver muda o modo de dizer.

Isso equivale a afirmar que não há um “indizível” situado fora da linguagem, mas situações em que os jogos de linguagem deixam de funcionar de maneira eficaz. O limite, nesse sentido, é pragmático. Para Wittgenstein (1994, §202, p. 114), a linguagem acontece na inter-relação e “seguir a regra é uma prática”, o que implica na dependência de regularidade e reconhecimento no uso das regras para que os sentidos possam ser atribuídos e compartilhados com o outro.

Na compreensão de Wittgenstein, é numa relação dialética com a linguagem do outro que a comunicação se produz. Se um enunciado não encontra ressonância num jogo de linguagem reconhecível, ao invés de interligar, rompe com os sentidos. Assim, o filósofo concebe o limite do dizer não como ausência de linguagem, mas como falha de seus modos de funcionamento, abrindo espaço para pensar formas de expressão em que o sentido se fragmenta, se repete ou se interrompe. “Uma das principais fontes de nossa falta de compreensão é que não dominamos com uma clara visão o uso de nossas palavras”, escreve em *Investigações filosóficas* (Wittgenstein, 1994, §122).

Essa concepção vai fundamentar a análise textual de *Malina* na qual a linguagem não apenas comunica, mas expõe, em sua própria forma, os pontos em que o dizer deixa de sustentar a experiência, aproximando-se, também, do limite interno da simbolização, como indicado por Freud na teoria das pulsões e na releitura que Lacan faz a respeito da repetição.

Uma abordagem contemporânea da psicanálise como prática de linguagem

O médico e psicanalista brasileiro Jurandir Freire Costa (2007) abordou a virada linguística em psicanálise, no contexto de suas pesquisas, sob a perspectiva do pragmatismo linguístico. A partir das contribuições de Wittgenstein, entre outros filósofos da linguagem, Costa propõe uma concepção da psicanálise como uma prática de linguagem. Em vez de tratar o discurso analítico como via de acesso a uma verdade intrapsíquica prévia, ele se desafia a entendê-lo como um processo de produção e transformação de descrições, no qual o sofrimento psíquico se articula às possibilidades e aos limites dos recursos linguísticos disponíveis. Para Costa (2007, p. 192), a pragmática da linguagem é “um meio de elucidar problemas psicanalíticos passíveis de investigação pela via da análise de teorias da verdade sobre crenças psicológicas”.

Em diálogo com Wittgenstein, Costa rejeita a ideia de que exista uma linguagem capaz de captar a essência última do sujeito ou do sofrimento. O autor acredita numa vida interior do sujeito, mas, a interioridade, na sua concepção, “não é um reservatório de objetos mentais ou de uma sintaxe linguística universal e apriorística [...], do qual emergiria o sentido do que dizemos ou pensamos” (Costa, 2007, p. 165-166). A linguagem, na sua compreensão, é um conjunto de práticas que permitem organizar, comunicar e eventualmente transformar a experiência (Costa, 1994).

Em *A face e o verso*, Costa afirma a pluralidade de modos de dizer, cada um deles situados historicamente e culturalmente. Para ele,

[...] é no uso que as falas sobre coisas e eventos estabilizam o sentido e tornam-se capazes de circular como mensagens significativas. É também no uso e pela variação dos contextos que a mudança ou a recriação de sentidos novos para palavras antigas ou palavras novas com sentidos novos podem surgir (Costa, 1995, p. 47).

Tal concepção, em consonância com demandas clínicas na nossa contemporaneidade, implica uma crítica às pretensões totalizantes de certas leituras da psicanálise, que tendem a tratar seus conceitos como revelações de uma verdade universal. Ao dar importância ao contexto no uso da linguagem, Costa desvia o foco da interpretação como decifração para a interpretação como invenção de novas formas de dizer, capazes de reconfigurar o modo como o sujeito se relaciona com sua própria experiência.

Mais uma vez, nota-se que a forma de conceber a linguagem proposta por Costa apresenta afinidades estruturais com a filosofia tardia de Wittgenstein, especialmente no que diz respeito à centralidade do uso (das regras) e à rejeição de uma essência de significado. Tal como em *Investigações Filosóficas* (1953), onde se afirma que “o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem” (Wittgenstein, 1994, §43), Costa entende que o sentido das descrições psicanalíticas depende de sua inserção em práticas discursivas compartilhadas.

Essa aproximação entre Costa e Wittgenstein possibilita compreender o limite da linguagem não como um ponto externo ao sujeito, mas como uma falha interna aos jogos de linguagem ou, ainda, aos modos de uso que sustentam a produção de sentido comum. Como já explorado na seção anterior, quando os jogos deixam de funcionar – por ausência ou desconhecimento de regras do uso da linguagem – o dizer perde sua eficácia. Nesse sentido, uma forma de entender o sofrimento psíquico seria como a manifestação de uma crise nos jogos de linguagem disponíveis ao sujeito.

Ao articular os dois campos teóricos, Costa não negligencia a distinção entre a literatura e a psicanálise. Esta última, na sua leitura, “não faz análise de conceitos, faz análise dos sujeitos e seus desejos. Seu objetivo é o de entender como se formaram crenças e que crenças justificam a descrição que o sujeito dá de si, de modo a sentir-se infeliz, inibido ou paralisado diante de seus Ideais de Eu” (Costa, 2007, p. 181).

Para Costa (2007, p. 192), no seu ofício de psicanalista, “todos esses saberes são coadjuvantes em um enredo teórico cujo personagem central foi e continua sendo o sujeito psicanalítico”. Ao projetar a psicanálise como uma prática de redescritção e o sofrimento como falha de linguagem, Costa oferece uma chave de leitura que torna possível articular o conflito pulsional, portanto, intrapsíquico, com os limites do dizer, sem reduzir um campo ao outro.

Nessa direção, o presente artigo propõe lançar um olhar analítico sobre as interações entre a protagonista “Eu” e Ivan, buscando na materialidade textual de *Malina* evidências dos efeitos produzidos pela precarização das possibilidades de linguagem compartilhada no interior da relação amorosa construída pela narrativa. Assim, o romance *Malina* pode ser compreendido como uma poética da linguagem em colapso, na qual a tensão entre palavra de vida e palavra de morte se inscreve na própria forma fragmentária do texto marcada por interrupções, falhas de endereçamento, repetições e descontinuidades enunciativas.

Palavra de vida / palavra de morte

A distinção entre “palavra de vida” e “palavra de morte” pode ser formulada, no interior deste artigo, como uma tradução da tensão entre processos de ligação e de desligamento descritos por Sigmund Freud, sobretudo a partir de *Além do Princípio do Prazer*. O movimento que pretendemos aqui é o de reconhecer que é no campo do dizer que tais dinâmicas se tornam apreensíveis, pois a linguagem aparece simultaneamente como meio de organização da experiência e como lugar de sua falha.

No que se pode denominar “palavra de vida”, a linguagem exerce uma função de ligação (*Bindung*), na medida em que permite articular representações, estabilizar encadeamentos e produzir continuidade narrativa. Trata-se de um uso do dizer que torna possível a comunicação com partilha de significados e a elaboração. Nessa dimensão, a palavra nomeia, descreve e constrói vínculos – com o outro, com o tempo e com a própria experiência – possibilitando a construção de sentidos em comum.

Em contraste, pela “palavra de morte” se designam situações em que a função de ligação se encontra comprometida, dando lugar a formas de enunciação marcadas pela separação (*Entbindung*), pela vã repetição e pela descontinuidade. Pela palavra de morte, a linguagem deixa de operar como meio de simbolização eficaz e passa a expor sua insuficiência, por exemplo, com proposições fragmentadas que retornam de modo compulsivo ou se interrompem, sem que se produza uma síntese. Tal movimento pode ser aproximado, sem redução conceitual, à lógica da pulsão de morte, na medida em que implica uma tendência à desagregação das cadeias representacionais.

A filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, especialmente em *Investigações Filosóficas*, permite qualificar essa distinção ao deslocar o foco para o plano do uso. A “palavra de vida” corresponderia a proposições que se inscrevem em jogos de linguagem estáveis, nos quais as regras de uso são compartilhadas e o sentido pode ser reconhecido; já a “palavra de morte” emerge quando tais jogos entram em crise, isto é, quando faltam critérios para determinar como as palavras devem ser empregadas, produzindo mal-entendidos.

A contribuição de Jurandir Freire Costa, reforça essa articulação ao conceber o sofrimento psíquico como dificuldade de redescrever a experiência em palavras eficazes. A “palavra de morte”, nesse sentido, pode ser entendida como expressão de uma falha de redescritção, na qual o sujeito não dispõe de recursos de linguagem capazes de sustentar sua experiência, enquanto a “palavra de vida” corresponderia à possibilidade, sempre incerta e parcial, de encontrar modos de dizer que permitam reorganizar o vivido.

No contexto de *Malina*, essa distinção não se apresenta de maneira estática, mas como um campo de tensão que atravessa toda a escrita. A linguagem oscila entre momentos em que tenta ligar, endereçando, construindo e dando forma, e momentos em que se desfaz em fragmentos, repetições e silêncios. Assim, “palavra de vida” e “palavra de morte” podem ser compreendidas como polos dinâmicos que permitem descrever o modo como o romance encena o conflito entre simbolização e seu limite.

***Malina*: uma poética da linguagem em colapso**

Com apoio na teoria freudiana que discorre sobre o conflito pulsional, procuramos observar em *Malina* a alternância entre formas discursivas que promovem ligação, continuidade e sentido, e aquelas que produzem ruptura, repetição e desagregação. Nessa direção, a linguagem pode ser apreendida como o espaço no qual o conflito se desenrola e se desvela.

O romance *Malina* tem seu enredo organizado em torno de três personagens centrais: Ivan e seus filhos (Béla e András), a narradora – designada apenas como “Eu” – e o enigmático Malina. Na trama, a narradora sem nome, marcada por traumas do passado, vive em crise e lida com sua vida cotidiana de forma bem emocional. Numa jornada de construção de sentido da sua existência, ao longo do romance, a narradora “Eu” elabora enquanto faz associações sobre sua peculiar forma de amar e estar no mundo. O capítulo, “Feliz com Ivan”, centrado no amor romântico, é construído por diálogos inacabados, conversas telefônicas interrompidas e alguns poucos encontros entre “Eu” e Ivan. Em “O Terceiro Homem”, a narrativa assume a forma de uma série de

relatos de cenas oníricas em muitas das quais emerge uma figura paterna autoritária associada a eventos traumáticos. Na parte final, “Das últimas coisas”, a autora retoma a constelação da relação com Ivan, porém o deixa em segundo plano; Malina se torna mais dominante até que parte da narradora “Eu” desaparece na fenda da parede.

Na análise que segue, partimos da hipótese de que a estrutura fragmentária do texto é marcada por descontinuidade e instabilidade enunciativa e que tal fato não constitui mero recurso estilístico, mas o próprio dispositivo por meio do qual se evidencia a precariedade da simbolização. Nas interações entre as personagens se pode observar que os jogos de linguagem, enquanto conceito wittgensteiniano, entram em colapso.

No final do capítulo, “Feliz com Ivan” insatisfeita com a viagem que havia feito para a região dos lagos, a narradora protagonista “Eu” está exausta, à beira das lágrimas. Não revelara seu real sentimento a ele quando soube que viajariam separados. Ele fora somente com as crianças. De volta em Viena e ansiosa para falar com Ivan, telefona para ele na cabine da estação de trem. Combinam um encontro, à noite:

Oi, sou eu, muito obrigada
Mas eu só chegaria às seis na estação do Oeste
Por favor, venha, eu imploro, saia mais cedo
Você sabe muito bem que eu não posso, eu poderia
Então deixa estar, não se preocupe, eu dou um jeito.
Não, por favor, mas o que há? Que voz é essa?
Nada, não é nada, deixe para lá, eu já disse.
Não complique demais as coisas, pegue um táxi
Então nos vemos hoje à noite, você estará então
Sim, estarei em casa hoje à noite, nos vemos, com certeza
(Bachmann, 2025, p. 177).

No diálogo acima, que antecede o reencontro entre a narradora “Eu” e Ivan, há indícios de que a linguagem tenta sustentar o vínculo que a palavra opera, ainda que com fragilidade, como tentativa de ligação. Entretanto, há também fissuras reveladoras da instabilidade do jogo de linguagem. Percebe-se assimetria afetiva entre os interlocutores. A narradora é marcada pela urgência e pela vulnerabilidade (“Por favor, venha, eu imploro”), enquanto Ivan, racional, responde pelo lado prático (“Você sabe muito bem que eu não posso”; “Não complique demais as coisas, pegue um táxi”).

Embora ambos participem da mesma conversa, suas falas encaminham soluções para direções distintas. À luz de Wittgenstein, pode-se afirmar que o diálogo revela um enfraquecimento das regras implícitas que sustentariam um jogo de linguagem compartilhado. O pedido da narradora “Eu” não é só pela informação, é demanda de

afeto. Ivan, contudo, se mantém no plano da organização prática. Uma interlocução em que o sentido não colapsa completamente, mas que se apresenta oscilante.

Essa instabilidade é significativa porque a narradora não consegue nomear diretamente aquilo que sente. Quando Ivan pergunta “mas o que há? Que voz é essa?”, ela responde: “Nada, não é nada, deixe para lá”. A cena ilustra a impossibilidade de formular a experiência afetiva em palavras compartilháveis. Pelas lentes de Jurandir Freire Costa, o impasse da narradora pode ser compreendido como dificuldade de encontrar formas discursivas capazes de descrever para sustentar e comunicar sua experiência emocional. Torna-se notável que a dor permanece no interior do diálogo, sem alcançar palavras para uma formulação estável.

Em termos freudianos, a cena remete à tensão entre ligação e desligamento da teoria das pulsões. A insistência da narradora em encontrar Ivan, o apelo emocional e a necessidade de proximidade configuram um movimento de ligação, a linguagem buscando preservar a continuidade do vínculo amoroso e impedir a experiência da separação. Contudo, a recusa parcial de Ivan, a racionalização das suas respostas e a incapacidade da narradora de dizer aquilo que efetivamente sente introduzem rupturas na circulação da palavra. A palavra de vida ainda liga, mas titubeia começa a falhar.

Nesse sentido, o diálogo dramatiza uma situação liminar entre “palavra de vida” e “palavra de morte”. A palavra de vida manifesta-se na tentativa de manter o contato, de sustentar a relação pela linguagem (“nos vemos, com certeza”). A palavra de morte se anuncia nas hesitações, nas negações (“não é nada”), na impossibilidade de elaborar a experiência afetiva (“deixe para lá, eu já disse”). O vínculo não foi desfeito, mas já não encontra plena sustentação simbólica.

Formalmente, Bachmann constrói essa tensão por meio de um diálogo econômico, fragmentado e carregado de subentendidos. O que não é dito torna-se tão importante quanto aquilo que é verbalizado. A linguagem funciona com precariedade, permite a ligação entre os sujeitos, mas não garante transparência e reciprocidade. No próximo diálogo veremos como a interação segue. Enquanto a narradora o esperava em casa, o telefone tocou. Era Ivan:

Por que é que você está? Tentei encontrar você lá
Eu tive súbito que, foi urgente, é que eu
Aconteceu alguma coisa? Nós, pois é, eles mandam lembranças
Eu também passei um tempo maravilhoso, estava muito
Mas você também sempre, mas se você tem mesmo que
É realmente uma pena, mas eu infelizmente tenho que
Tenho que desligar, temos que ir agora a
Você me mandou um postal? ainda não? então
Escrevo para Ungargasse, sem falta

Não tem essa importância, se você puder, então
Claro que posso, cuide-se bem, não vá me fazer
Não, claro que não, tenho que desligar!
(Bachmann, 2025, p. 179).

Nesse quadro, frases interrompidas e incompletas (“Eu tive súbito que, foi urgente, é que eu”; “Tenho que desligar, temos que ir agora a”; “Você me mandou um postal? ainda não? então”), com encadeamento discursivo fragmentário, no qual os interlocutores parecem não compartilhar um mesmo sentido. Na perspectiva de Wittgenstein, faltam condições pragmáticas para estabilizar o uso das palavras. As falas não se desenvolvem, não se esclarecem e não alcançam um fechamento.

Em termos freudianos, a cena evidencia a oscilação entre processos de ligação e desligamento. O telefonema pode ser lido como uma tentativa de ligação. Entretanto, a conversa é interrompida por desvios, hesitações e cortes. A repetição do “tenho que desligar” encena linguisticamente um movimento de desligamento, no qual o vínculo se dissolve no próprio ato de fala. A linguagem já não elabora a perda, ela a reproduz formalmente como interrupção.

A contribuição de Jurandir Freire Costa permite, por sua vez, compreender o sofrimento psíquico como dificuldade de redescrever a experiência em vocabulários capazes de sustentar o sujeito. A narradora não consegue transformar o telefonema em espaço efetivo de compartilhamento, se instaura uma fala fragmentada e incapaz de estabilizar um campo de sentido comungado por ambos. O diálogo evidencia, além da crise afetiva, uma falência das próprias formas discursivas que poderiam tornar essa experiência narrável. Uma interpretação possível para o silêncio que se anuncia ao final da conversa é que ele aponta para o limite do dizer, tendo perdido seu poder de ligação.

De uma certa forma, a cena antecipa o movimento que culminará no desaparecimento da narradora na fenda da parede. A “palavra de vida” manifesta-se na tentativa insistente de manter a interlocução, já a “palavra de morte” emerge nas interrupções, nos cortes e na dissolução dos diálogos.

Considerações finais

A análise dos diálogos aqui apresentados permitiu compreender que a linguagem em *Malina* não constitui apenas um meio de representação da experiência, mas o próprio espaço em que se realiza o conflito entre ligação e desligamento formulado por Sigmund Freud na teoria das pulsões discutidas em *Além do princípio do prazer*. Foi possível observar que os movimentos de simbolização e ruptura presentes na

escrita do romance podem ser aproximados da tensão entre pulsão de vida e pulsão de morte: de um lado, a tentativa de organizar a experiência por meio da palavra e, de outro, a fragmentação, a repetição e o silêncio como manifestações de um processo que impede a construção do sentido comum.

A filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, especialmente em *Investigações Filosóficas*, permitiu deslocar essa problemática para o plano dos jogos de linguagem, tornando possível compreender que as falhas presentes no romance não remetem a um “fora” da linguagem, mas a rupturas internas de suas práticas de uso. Em *Malina*, os diálogos interrompidos, os encadeamentos fragmentários e a rarefação progressiva da fala revelam a impossibilidade crescente de sustentar um jogo de linguagem em comum. O colapso do vínculo afetivo não ocorre apesar da linguagem, mas através dela – é o próprio tecido discursivo que evidencia a perda das condições de continuidade do dizer.

Nesse sentido, a contribuição de Jurandir Freire Costa mostrou-se fundamental para articular Freud e Wittgenstein, sem reduzir um campo ao outro. Ao enfatizar a dimensão discursiva da experiência psíquica, Costa permite compreender o sofrimento como dificuldade de redescrição, isto é, como falha das formas linguísticas disponíveis para sustentar a experiência do sujeito. Assim, o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte pode ser relido, em *Malina*, como tensão entre formas de dizer: aquelas que promovem ligação e aquelas que conduzem à dissolução do sentido.

A análise literária evidenciou, portanto, que a forma fragmentária do romance não apenas representa esse conflito, mas o executa formalmente. Cada tentativa de enunciação oscila entre a função de ligação e a falha pragmática do dizer.

Por fim, torna-se possível afirmar que a literatura ocupa, neste trabalho, um lugar distinto daquele da clínica psicanalítica. Enquanto a psicanálise busca reinscrever a falha do dizer em práticas discursivas capazes de sustentar novos sentidos, a literatura a expõe sem pretensão de resolução. Em *Malina*, a linguagem não falha, apesar de sua tentativa de representar o desaparecimento da narradora na fenda da parede; ela falha como parte constitutiva dessa tentativa. É precisamente nessa falha que o romance formaliza, no plano estético, o limite interno da simbolização, convertendo a impossibilidade do dizer em construção literária. Assim, a obra de Bachmann evidencia que a literatura não cura a falha da linguagem, ela a transforma em forma.

Referências

BACHMANN, Ingeborg. **Malina**. Tradução de Carla Bessa. São Paulo: Estação Liberdade, 2025.

COSTA, Jurandir Freire. Pragmática e processo psicanalítico: Freud, Wittgenstein, Davidson e Rorty. *In*: COSTA, Jurandir Freire (org.). **Redescrições da psicanálise**: ensaios pragmáticos. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso**. São Paulo: Escuta, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. As vassouras da feiticeira. *In*: COSTA, Jurandir Freire. **O risco de cada um**: e outros ensaios de psicanálise e cultura. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 163-192.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise [1917]. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII, p. 147-153.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes [1915] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 117-144.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente [1915] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 171-201.

FREUD, Sigmund. O ego e o Id e outros trabalhos [1923]. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX, p. 15-51.

LACAN, Jacques. **Seminário 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [Versão brasileira MD Magno]. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 23-55.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas** [1953]. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petropolis: Vozes, 1994.